

# TRABALHO E GÊNERO: MULHERES NO TRABALHO DA JUTA NA VILA AMAZÔNIA (PARINTINS/ AM)

MAYRA DE OLIVEIRA UCHÔA<sup>1</sup>



## Resumo

O objetivo deste artigo é discutir o universo do trabalho feminino no processo de produção da juta na comunidade de Vila Amazônia em Parintins (AM). O texto foi dividido em três partes: 1) uma discussão sobre novas tipologias do mundo do trabalho; 2) novas conexões do mundo do trabalho na Amazônia: migração e agricultura da juta; 3) mulheres nos mundos do trabalho da juta. Foi utilizado o método de revisão bibliográfica em artigos, dissertações, teses, documentos, livros e obras sobre o tema. Para discutir as ideias abordadas foram consultados autores referentes ao Mundo do Trabalho, entre eles Marcel Van der Linden e Chitra Joshi, estudo de gênero com Jordão Horta Nunes Nunes e Revalino Antonio Freitas, obras relacionadas a imigração japonesa Elisa Massae Sasaki e Alfredo Kingo Oyama Homma e trabalhos relacionados ao processo de trabalho com a fibra de juta.

**Palavras-chave:** Trabalho na Juta. Mulheres trabalhadoras. Estudo de gênero.

## Abstract

The aim of this article is to discuss the universe of female labor in the jute production process in the Vila Amazônia community in Parintins (AM). The text was divided into three parts: 1) a discussion about new typologies in the world of work; 2) new connections from the world of work in the Amazon: migration and jute agriculture; 3) women in the worlds of jute work. To achieve this goal, it was through bibliographic review of articles, dissertations, theses, documents, books and works on the subject. To ferment the ideas addressed, authors from the world of work will be used, such as Marcel Van der Linden and Chitra Joshi, gender study with Jordão Horta Nunes Nunes and Revalino Antonio Freitas, works related to Japanese immigration Elisa Massae Sasaki and Alfredo Kingo Oyama Homma and works related to women workers in the Jute process.

**Keywords:** Jute work. Working women. Gender study.

## Introdução

O texto que ora se configura é fruto da reestruturação do meu projeto de pesquisa para adentrar ao mestrado em História Social da UFAM. Inicialmente, a ideia era discutir a imigração japonesa para a Amazônia e a inserção dessas mulheres imigrantes no mundo do trabalho na região, mais especificamente das plantações de juta<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Graduada em Relações Internacionais pela Faculdade La Salle Manaus, mestranda em História, pela Universidade Federal do Amazonas. E-mail: [mayrauchoa1@hotmail.com](mailto:mayrauchoa1@hotmail.com)

<sup>2</sup> A ideia de fazer essa pesquisa emerge da minha formação em Relações Internacionais e o intento de juntar a história e relações internacionais em uma única pesquisa articulado pelo mundo do trabalho feminino.



Passados seis meses de pesquisa e depois de duas idas a Parintins, o projeto já se reconfigurou, apontando não apenas para as limitações de minha proposta inicial com as mulheres japonesas, mas abrindo, por outro lado, caminho insuspeitos para uma nova investigação.

Não encontrei as mulheres japonesas que esperava. Encontrei algumas mulheres, lá em Parintins e aqui em Manaus, que trabalharam na juta entre os anos 40 e 80 e que participaram de uma cooperativa de mulheres que existe até hoje em Parintins e que me encantaram com a possibilidade de enveredar por esse caminho que não havia pensando. Talvez seja esse mesmo o fascínio da pesquisa: descaminhar o pesquisador, levando-o para lugares não pensados. Somando-se a essa mudança de percurso, as disciplinas feitas no semestre também puderam fornecer instrumentos analíticos e conceituais, além de discussão historiográfica, que me ajudaram, uma outsider, a caminhar com mais segurança nas trilhas da história.

Nesse sentido, articulo a discussão do presente tema em três vertentes: uma discussão conceitual e metodológica sobre as novas formas de dialogar com os mundos do trabalho livre e não livre e de como isso pode ajudar a pensar a Amazônia; uma discussão contextual sobre a Amazônia na década de 1930 e migração japonesa para a região; a primeira incursão com os dados das duas viagens realizadas a Parintins e a tentativa de uma reflexão mais detida.

## **Desenvolvimento**

### *Novas tipologias e os Mundos do Trabalho da Juta no Amazonas*

As discussões travadas no âmbito da disciplina Formas de trabalho não-livre no mundo contemporâneo permitiu revisitar, a luz de autores como Marcel Van der Linden, Chitra Joshi e Silvia Petersen o mundo do trabalho de mulheres na região a partir da economia extrativista da juta.

Analiticamente, o que está em jogo nas pesquisas realizadas pelos historiadores e historiadoras acima mencionadas é o questionamento das formas clássicas de divisão do Mundo do Trabalho entre trabalho livre e trabalho escravo. Van der Liden, por exemplo, chama atenção para as formas transacionais ou intermediárias do mundo do trabalho, que se configuram como aquelas marcadas pelo trabalho compulsório.

O trabalho compulsório não se configura estritamente como trabalho escravo, pois o trabalhador não é legalmente escravizado, porém, o nível de exploração da força de



trabalho é de tão monta que chega a se aproximar das modalidades de trabalho da escravidão.

Lendo sobre a história global do trabalho de Linden, é possível perceber as categorias levantadas pelo autor para pensar os tipos de mercantilização da mão de obra que podem variar entre o trabalho escravo, o trabalhador assalariado livre, o trabalhador autônomo e o chamado *lumperproletariado*. O autor destacar quatro pontos que podem, metodologicamente orientar as pesquisa: 1) que qualquer análise dessas formas intermediárias deve centrar-se nos estudos empíricos precisos, sem a preocupação com grandes teorias; 2) não devemos estudar separadamente os diversos tipos de trabalhadores subalternos, levando-se em conta, sempre que possível, as ligações entre eles; 3) entender os sujeitos dentro de suas redes de sociabilidade (família, parentesco, clubes e irmandades) e 4) atentar para as formas de classificação dos subalternos que emergem do Estado- Nação (LINDEN, 2013, p. 43).

Ainda no campo da discussão conceitual e metodológica, a historiadora de gênero indiana Chitra Joshi chama atenção para as formas de mobilização do trabalho das mulheres dentro e fora do espaço doméstico e de como essa autonomia ou subordinação altera as relações de gênero, como o aumento da violência contra a mulher porque ela trabalha fora de casa e ocupa um lugar (com ganhos financeiros e sustento do lar) que era tido como apenas dos homens.

Para a historiadora do Mundo do Trabalho Silvia Pertersen, torna-se necessário o enriquecimento de estudos do mundo do trabalho no Brasil, discussões com âmbito numa fronteira analítica e disciplinares no sentido de dialogar com pesquisas que não estejam apenas no eixo Rio-São Paulo, o pensamento de uma dinâmica do trabalho nas chamadas comunidades amazônicas do interior e suas “populações tradicionais”, a relação entre trabalho, etnicidade e processos de racialização no Brasil e outros temas e problemas mais contemporâneos.

### **Migração japonesa para Amazônia: reconectado a região ao mundo através da juta**

No século XX, o Japão atravessa por um período de relevantes reformas políticas, contraindo com isto, grande insatisfação social em razão de seu regime político em foco, que caracteriza-se inclusive, rigidamente controlador de suas fronteiras e dos canais de



entrada e saída dos emigrantes.<sup>3</sup> Bem como, revela-se detentor de diversos problemas internos<sup>4</sup> decorrentes do período pós-guerra, o que culmina por impulsionar os governantes japoneses a recorrerem aos mecanismos da diplomacia para a flexibilização de sua inserção e maior participação no cenário internacional.

Enquanto isso, no cenário brasileiro, as lavouras de café estavam a todo vapor, visando conquistar uma posição no mercado internacional. Diante de seus interesses, adotava manter posição flexiva de relações político-econômicas com outros países, principalmente com aqueles que objetivavam o estabelecimento de parcerias e realizações de acordos de interesses em comuns. Para o Brasil, este período ficou marcado pela abertura dos portos para o ingresso de estrangeiros, facilitando os tramites burocráticos da imigração.<sup>5</sup> Nessa fase é de importância destacar que o Brasil consolidou seus laços diplomáticos com o Japão, através do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação<sup>6</sup>.

Neste contexto, a partir de negociações internacionais entre os dois países, a partir de 1929, os japoneses aportaram em diversas regiões brasileiras dentre elas, destacou-se o Sudeste e o Norte, que segundo Homma<sup>7</sup> (2009), com objetivo principal de força braçal e trabalhadores agricultores para trabalharem com plantações de juta, o Japão obtinha de muitas técnicas e estudos relacionados a agronomia e formas de plantações.

O objetivo principal dessa aproximação entre os dois países foi para o Brasil, a viabilidade de mão de obra para a agricultura. Para o Japão a abertura de portas para o uso de políticas que permitiam que o país estivesse ativo no cenário internacional, como mecanismo de resolução de seus problemas internos.

A partir de 1930, com a segunda leva de migração japonesa, aportaram ao Amazonas com o primeiro destino ao município de Maués, com o objetivo de trabalharem no cultivo de guaraná. Devido à problemas locais com a epidemia da malária, os japoneses retiraram-se e migraram para uma região próximo à Parintins, formando assim a colônia japonesa conhecida como Vila Amazônia. Logo após o desenvolvimento da

---

<sup>3</sup> FOEGER, Andreia; DADALTO, Maria Cristina. Imigrantes japoneses no Espírito Santo e mídia capixaba. Espírito Santo: Revista Iniciacom, 2010.

<sup>4</sup> Neste período o Japão se vê diante de uma situação grave de excesso populacional, de sensíveis flutuações econômicas que provocam crises periódicas de penúria na população. (SHAKURAI, 1995, p. 35).

<sup>5</sup> SASAKI, Elisa Massae; Assis, Gláucia de Oliveira. Teoria das Migrações internacionais, 2000.

<sup>6</sup> O tratado assinado 5 de Novembro de 1895, representou a iniciativa de selar amizade, o tratado visava aproximação, logo depois negociações e incentivos sobre imigração, o que possibilitou futuramente grande acordos entre os mesmos.

<sup>7</sup> Alfredo Kingo Oyama Homma é Engenheiro-agrônomo com Doutorado em Economia Rural, e possui grande relevância nos estudos de imigração japonesa para o Amazonas, pela contextualização nos trabalhos referente agronomia, praticas, desenvolvimento agrícola da região e mão-de-obra.



agricultura na Vila Amazônia, homens e mulheres começaram a trabalhar com a plantação de juta na região.

A trajetória dos japoneses para o Amazonas, está ligada com a proposta de mão-de-obra japonesa para trabalhar no Brasil, começou através do governo de Efigênio Salles e as negociações com o governo japonês, que abriu oportunidade e possibilitou a vinda dos japoneses. A história da imigração japonesa no Amazonas começa no Pará, com um acordo firmado entre o governo paraense e o governo japonês que visava a concessão de alguns hectares de terras para imigrantes.

O governador Efigênio Salles do Estado vizinho, preocupado com a falta de perspectivas com a decadência da borracha, e na tentativa de salvar o sistema aproveitou a ideia e também ofereceu sua parte: um milhão de hectares amazonenses foram destinados a quem se comprometesse a trazer novas opções agrícolas à região.<sup>8</sup>

Entretanto, em 1941, com uma epidemia de malária, ocasionou em perdas de várias famílias, o que ocasionou aos japoneses se mudarem para a colônia japonesa na Vila Amazônia, próxima ao município de Parintins, porém, antes da chegada desses japoneses ao local, lá estavam os primeiros colonos, os *koutakuseis*, que já tinham migrado alguns anos antes, pois já haviam sido mandados nas primeiras remessas antes da Segunda Guerra Mundial.<sup>9</sup>

Os imigrantes japoneses, a pedido do governador do Estado do Amazonas, foram instalados primeiramente aos municípios de Parintins e Maués. Deste modo, cedido a disponibilidade territorial, suporte financeiro, destinado ao desenvolvimento agrícola da região, a juta foi o principal impacto econômico causado por eles naquele período. Desta forma, desenvolveram com grande destaque os mecanismos de agricultura, expondo assim parte de sua cultura na região.

No município de Parintins, os japoneses se estabelecerem chamada Vila Amazônia, onde desenvolveram os processos de plantação de Juta. A Vila Amazônia, encontra-se na região próximo a Parintins para nos situarmos podemos ter um norte geográfico, o que diz respeito a questões ambientais desta localização, tem um solo rico em minérios, próximo ao rio para designar alguns processos da fibra de juta, como a lavagem, segue abaixo a citação.

Vila Amazônia - a comunidade de Santa Maria - fica cerca de meia hora de barco de Parintins (estado do Amazonas). As terras que compõem Vila

<sup>8</sup> A saga dos Koutakuseis no Amazonas, 2011.

<sup>9</sup> A saga dos Koutakuseis no Amazonas, 2011.

Amazônia compreendem mais de trezentos mil hectares, sendo compostas por inúmeras comunidades. (MEDEIROS, 2013, p 1)

A região encontra-se estrategicamente próxima do município de Parintins, para ter acesso a região, são trinta minutos de barco, uma região rodeada pelo rio, que por sua vez faz parte do processo de plantação da juta, um solo rico, úmido, onde a fibra vingou e um dos seus processos precisa ser lavada, por sua vez era uma localização estratégica, próximo ao leito do rio.

A partir de 1931, o pedaço prometido para os japoneses, foi criado um foi criado um instituto de pesquisa da Amazônia, com setores de saúde, agricultura e pesquisa, e a partir dessa forma houve crescimento, nasciam estrada entre os rios, casas para os funcionários, hospitais, etc, o que assim causou maior crescimento para a Vila Amazônia.<sup>10</sup>

O trabalho agrícola realizado pelos japoneses, neste processo, envolvia toda a família na mão de obra de plantações, neste ponto tem-se a assertiva abaixo por incluir a mulher, foco deste trabalho em identificar a importância da mesma sua participação no processo de trabalho.<sup>11</sup>

Trata-se de uma atividade altamente intensiva em mão de obra necessária para tratos culturais e, sobretudo, por ocasião da colheita, com envolvimento de homens, mulheres e crianças. Numa época em que a legislação trabalhista não fazia nenhuma cobrança com relação ao emprego de mão-de-obra infantil e de mulheres, a colheita de pimenta-do-reino era uma oportunidade de auferir renda familiar extra, onde passavam o dia inteiro nos pimentas. (HOMMA, 2009, p 121)

Importante destacar que no período em que havia o trabalhando na colheita de juta, não existia legislações trabalhista, e era considerado ajuda e envolvimento da mão de obra de mulheres nos campos.

### **Parintins e a cooperativa feminina**

No município de Parintins, existiu uma cooperativa feminina para trabalhadoras de juta, chamada de COOPJUTA (Cooperativa Feminina), e na também a ASCOOF (Associação Cooperativa Feminina de Juta) como forma de valorização e a participação das mulheres no processo da juta, discorrendo sobre a questão de gênero, onde as normas e realidade de uma sociedade colocavam mulheres dependentes do maridos, o que as

---

<sup>10</sup> ARAUJO, Carlos. Histórico da Imigração Japonesa no Estado do Amazonas, 1998; (1998 p.12-13).

<sup>11</sup> HOMMA, Alfredo. Os japoneses na Amazônia e sua contribuição ao desenvolvimento agrícola. Belém: Somanlu, 2009.





levam por uma luta de espaço dentro do sistema.

No cultivo e no beneficiamento da juta não foi diferente. Em Parintins nos anos 70 e 80, reconhecida como uma região onde havia a maior produção da fibra de juta em todo Amazonas. Neste processo envolvia famílias inteiras, mulheres e criança também participavam do trabalho. Na cidade de Parintins com o advento da juta as mulheres passaram a adentrar nas fábricas e cooperativas de beneficiamento do produto, isso se dava para garantia de renda e melhores condições de vida para toda a família. (MARQUES, 2017, p 5)

Importante destacar quando trata-se de trabalho e da divisão do mesmo entre homens e mulheres, é julgado por diversos motivos, principalmente a força braçal. No processo de cultivo da Juta, homens e mulheres trabalham juntos, desde a plantação até separação dos fios da juta, há processos que trabalham mais homens que mulheres por conta de se classificar pesado, e trabalhos femininos considerados mais pacientes e habilidosos.<sup>12</sup>

### *Gênero e divisão do trabalho*

O debate em torno da divisão sexual do trabalho, implementado por Hirata, traz conclusões significativas no que diz respeito à posição das mulheres no setor produtivo. Por meio das máximas ideológicas patronais, tem-se a ‘proibição’ do emprego feminino em certos ramos, em virtude dos trabalhos perigosos, pesados e insalubres, mas a autorização ante trabalho leves e limpos. (NUNES; FREITAS, 2011, p. 47)

A visão relacionada as questões da divisão de trabalho que sempre estão presentes nas discussões sobre gênero no mundo do trabalho. “As questões de gênero revelam processos sociais que levam a distinguir as formas de organização de trabalho e a indicar novas possibilidades”. (COSTA, 2001, p.119)<sup>13</sup>.

Quando colocamos a mulher em foco, sua participação no mercado de trabalho, cargos, salários, tratamentos, responsabilidades, jornadas dupla e entre outros termos abordados. Os autores trazem abordagens sobre a típica tradição da mulher, doando-se mais aos trabalhos domésticos.

### **Considerações finais**

As discussões e textos que foram desenvolvidos na disciplina “Formas de trabalho

---

<sup>12</sup> Marques, Andreza Barbosa. “Emancipação e valorização da mulher ” Proposituras da Associação Cooperativa Feminina COOPJUTA ASCOOF/COOPJUTA 1985-1993. Parintins, 2017

<sup>13</sup> PUPPIN, Andréa Brandão; MURARO, Rose Marie. Mulher, gênero e sociedade. Ed. Relume Dumará, 2001;



não-livre no mundo contemporâneo” permitiu revisitar, a luz de autores como referentes ao mundo do trabalho de mulheres, em específico na região amazonense a com assertiva sobre a economia extrativista da juta.

Com isso o tema deste trabalho está presente na agenda da Historiografia Brasileira, proporcionando análises aos avanços e retrocessos do nosso período, dentro de categorias que envolvem-se no mundo do trabalho. Nos tempos atuais, se tornou importante colocar em investigação as formas de trabalho contemporâneas.

Após a decadência da borracha houve grande impacto na economia do Estado do Amazonas, e com a vinda dos japoneses para a região, e a incerteza de florescer ou não as sementes de juta, e o grande sentimento de esperança do pai da Juta o Sr. Riota Oyama, os avanços da plantação, tentativas e acertos, técnicas e práticas fizeram com que a Juta vingasse e o estado começou a engrenar novamente sua economia.

A mão de obra japonesa, as práticas e técnicas ensinadas e compartilhadas aos nosso nativos foram bem significantes para o desenvolvimento da região. Destaca-se a Vila Amazônia, região próxima a Parintins que foi estratégica o local para plantação de Juta, e lugar aonde os trabalhadores se estabeleciam.

A participação da mulher na Juta, a força de trabalho feminina, traz a discussão de gênero, as divisões de trabalho, homens fazem trabalho mais “pesados” e mulheres com trabalhos “mais leves”, diálogo que pode ser observado por autores que compõem estudos no âmbito do mundo do gênero.

Os japoneses fazem parte da história do trabalho no Brasil, a mão de obra, força de trabalho e principalmente ensinamentos deixados, e na retomada da economia do Estado, principalmente as mulheres guerreiras parintinenses que estiveram presente neste cenário.

**Data de Submissão:** 31/05/2020

**Data de Aceite:** 28/07/2020



### Referências Bibliográficas

- ARAUJO, Carlos. Histórico da Imigração Japonesa no Estado do Amazonas. UA, 1998;
- BATALHA, Claudio. Os desafios atuais da História Social do Trabalho. Anos 90, Porto Alegre, v. 13, n.23/24, p.87-104, jan./dez.2006;
- FOEGER, Andreia; DADALTO, Maria Cristina. Imigrantes japoneses no Espírito Santo e mídia capixaba. Espírito Santo: Revista Iniciacom, 2010;
- HOMMA, Alfredo. Os japoneses na Amazônia e sua contribuição ao desenvolvimento agrícola. Belém: Somanlu, 2009. ano 9, n. 1, janeiro/junho;
- JOSHI, Chitra. Além da Polêmica do Provedor: mulheres trabalho e História do Trabalho. In: Revista Mundos do Trabalho. n. 10.vol 2, 2010.
- KOUTAKUKAI, Amazon. A saga dos Koutakuseis no Amazonas. Manaus: Associação Koutaku do Amazonas, 2011;
- LINDEN, Marcel Van der. Trabalhadores do Mundo: ensaios para uma história global do trabalho. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013.
- MARQUES, Andreza Barbosa. “Emancipação e valorização da mulher” Proposituras da Associação Cooperativa Feminina COOPJUTA ASCOOF/COOPJUTA 1985-1993. Artigo UEA - Parintins, Universidade do Estado Do Amazonas, 2017;
- MEDEIROS, Mônica Xavier. Memórias, Histórias e Reforma Agrária em Vila Amazônia (Parintins/AM). Artigo, VII Encontro Nacional Sul de Historia Oral. 2013;
- NUNES, Jordão Horta; FREITAS, Revalino Antonio. Trabalho e Gênero entre a solidariedade e a desigualdade. Ed. PUC. Goiânia, 2011;
- OLIVEIRA, Lucia Marisy Souza Ribeiro; FLORES, Fulvio Torres. Mulheres em perspectiva: Relações de gênero, trabalho e saúde. Ed. CRV. Curitiba, 2014;
- PETERSEN, Silvia. Repensar a História do Trabalho. In: Espaço Plural. Ano XVII. n34. 1 semestre de 2016. p.13-36.
- PUPPIN, Andréa Brandão; MURARO, Rose Marie. Mulher, gênero e sociedade. Ed. Relume Dumará, 2001;
- SASAKI, Elisa Massae; Assis, Gláucia de Oliveira. Teoria das Migrações internacionais, 2000.
- SAKURAI, Célia. Imigração japonesa para o Brasil: Um exemplo de imigração tutelada-1908-1941. In: XXII Encontro Nacional da ANPOCS. GT 9 MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS. Caxambu-MG, Outubro, 1998;